

# MITOLOGIA LENDÁRIA E TRADIÇÃO ORAL: IMPRESSÕES DAS ENCANTAÇÕES DE HISTÓRIAS DOS *TOIPES* NA EDUCAÇÃO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ E O DESLANCHAR DA CONTEMPORANEIDADE DECOLONIAL

Átila da Silva Frazão <sup>1</sup>  
Saulo Ferreira Feitosa <sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo aponta que a relação de Tempos é possível pela Mitologia Lendária e pela Tradição Oral impressas nos Seres através das Encantações de Histórias dos *Toypes* (Mais Velhos) presentes no cotidiano da comunidade e refletida e fortalecida na Educação Indígena Xukuru do Ororubá a partir da Sabedoria Ancestral. As Encantações de Histórias dos *Toypes* propiciam a composição de dois cenários: o Cenário Mitológico e o Cenário Lendário, onde estes povoando o imaginário do povo Xukuru do Ororubá, criam enredos da palavra dita, da palavra contada, da palavra cantada e da palavra encantada, em diacronia. Traz como referencial teórico-metodológico as experiências dos Mais Velhos do povo originário em questão como sujeitos da pesquisa, dialogando com os estudos pós-coloniais e decoloniais, as subjetividades e a interculturalidade a partir de novas epistemologias em diálogo com a academia, onde ver-se-á que a Tradição Oral se perpetua e se concretiza pelas “Encantações de Histórias” na formação do/a guerreiro/a como espaço-sujeito-território multiplicador dos Saberes Ancestrais, multiplicador de quem ouve sente, aprende, ruminava em si, interpreta e ensina em aprendizagens múltiplas perpassando do passado à contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Encantação de Histórias, Xukuru do Ororubá, Educação Indígena, Decolonialidade, Tradição Oral.

## INTRODUÇÃO

Pensar a realidade dos Povos Originários do território brasileiro é mergulhar no mundo da imaginação e da ludicidade para que não caiamos na coisificação do Outro, como mero ato fatídico. É neste misto que é possível enredar o que se passa considerando o Tempo Ancestral, o Tempo Agora e o Tempo das Gerações Porvir e que compõem as cosmovisões a partir do modo de vida que alicerça o projeto de futuro de cada nação, e que com o povo Xukuru do Ororubá (PE) não é diferente, o qual sobre elaboraremos.

A imaginação do Tempo Ancestral que não pode ser considerado como apenas passado – como algo findado e posto há muito – mas como continuidade, uma vez que a

<sup>1</sup> Pós-graduando do Curso de Mestrado em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA, [atila.frazao@ufpe.br](mailto:atila.frazao@ufpe.br).

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Bioética (UnB), professor da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA, [sauloffeitosa@gmail.com](mailto:sauloffeitosa@gmail.com).

Ancestralidade está associada diretamente à vida, e por assim ser, à Natureza Sagrada onde aquela se faz morada. Essa proposição de tempo leva as mentes e os corpos, assim como as Almas e os Espíritos à transcendência da Espiritualidade como esteio da história e da permanência, que trataremos de (re)existência como possibilidade de Ser uma vez que o Tempo Agora e os seus seres vivos são inspirados e existem através de. Um Tempo Agora fortalecido pelo sangue que regara a Terra quando a invasão do Brasil acontecera, mesmo sangue que ainda rega-a devido às ausências de políticas públicas eficientes e do mero descumprimento daquilo que reza a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) através de uma colonização velada, e que tendo voltado à Mãe Terra retoma às veias dos indígenas dando força à luta; Tempo Agora que prepara os seus ao Tempo das Gerações Porvir, iniciado já pelos *Opipes*<sup>3</sup> que aprendem na comunidade e na escola (FRAZÃO, 2022).

Essa relação de Tempos é possível pela Mitologia Lendária e pela Tradição Oral impressas nos Seres através das Encantações de Histórias dos *Toípes*<sup>4</sup> presentes no cotidiano da comunidade e refletida e fortalecida na Educação Indígena Xukuru do Ororubá, que afirma através da fala da Liderança Indígena Doralice que a “Mata Sagrada é a escola mais bonita”, e que é chamada de Sabedoria Ancestral como lemos:

Atrelado ao Tempo está a nossa cosmovisão que resiste desde as origens ao tempo hodierno graças à Sabedoria Ancestral que perpassa gerações começando pela oralidade, grande esteio da nossa historicidade e dos demais Povos Originários. É pela oralidade que temos acesso à Ciência da Natureza Sagrada; dela aprendemos, sentimos, vivemos e repassamos para o outro por meio do princípio de coletividade. É inerente à Cultura Xukuru do Ororubá a coletividade como caminho do Bem-Viver (FRAZÃO, 2022, p. 10).

Na imersão de Tempos propiciada pela Sabedoria Ancestral, é mister seguir rumo à composição dos cenários e no povoamento do imaginário, num estreitamento estético que é embebido pelo Mito e pela Lenda resultando em imagem e em criação, formas de filosofia de linguagem presentes no cotidiano do povo Xukuru do Ororubá, carecendo compreender cada parte até ficarmos envolvidos (FRAZÃO, 2021) das Encantações de Histórias dos *Toípes*.

Tem como objetivo geral discutir como a oralidade é basilar na formação dos guerreiros e das guerreiras Xukuru do Ororubá sendo repassada de geração em geração, e como objetivos específicos: ouvir os mais velhos da comunidade a partir de suas histórias de vidas; pesquisar junto ao povo originário Xukuru do Ororubá como as Encantações de

---

<sup>3</sup> Da Língua Materna Xukuru do Ororubá, termo dado às Crianças.

<sup>4</sup> Da Língua Materna Xukuru do Ororubá, o mesmo que Mais Velhos ou Ancestrais.

Histórias dos *Toypes* propiciam a composição do Cenário Mitológico e do Cenário Lendário; e, compreender como as Encantações de Histórias atuam na formação do/a guerreiro/a como espaço-sujeito-território multiplicador dos Saberes Ancestrais.

## **METODOLOGIA**

Os percursos metodológicos que propomos neste artigo partem da observação participante, das experiências e vivências do povo Xukuru do Ororubá, pela escuta atenta dos Mais Velhos e a forma como os seus saberes ancestrais são ensinados de geração em geração. Portanto, propomos a realização de uma pesquisa de natureza qualitativa (GODOY, 1995) como a pesquisa de campo e as rodas de conversas, e o estudo de caso, como diz Godoy:

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por quê" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real (GODOY, 1995, p. 6).

Para assim alcançarmos os objetivos, far-se-á uma imersão no Território Indígena Xukuru do Ororubá, suas histórias e vivências, como também os aspectos sociais, culturais e identitários.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Num primeiro momento e espaço de tempo, lançar o olhar ao termo “Encantações de Histórias” é compreender as histórias contadas pelos Mais Velhos não como meras contações e repetições, são histórias repassadas de geração em geração inspiradas pela Força Encantada ou pelos Encantados (Seres Espirituais que habitam/moram na Natureza Sagrada e são basilares à Espiritualidade Indígena, de modo particular, a do Nordeste brasileiro) e que dizem muito do passado, do presente e do futuro. Trata-se de não apenas contar, mas, de Encantar aos seus como Ação de (ENCANTAR+AÇÃO), como instrumento de tornar real e com sentido aquilo que está para além do visível; é um instrumento transcendente (ENCANTAR) para atualização do real, do palpável (AÇÃO), e que aos poucos iremos desvelando.

As Encantações de Histórias dos *Toipes* propiciam a composição de dois cenários: o Cenário Mitológico e o Cenário Lendário, onde estes povoando o imaginário do povo Xukuru

do Ororubá, criam enredos da palavra dita, da palavra contada, da palavra cantada e da palavra encantada, em diacronia.

Os enredos das palavras são impressos na forma de fazer educação do povo, não necessariamente a educação escolar indígena, mas a Educação Indígena Xukuru do Ororubá, as quais estão imbricadas; educação que se aprende mesmo na comunidade como dissera o Cacique Xikão Xukuru, onde pela retomada da escola, que antes era de negação e de apagamento, passou a ser de (re)afirmação e de (re)existência a partir das Retomadas do Território Sagrado que “é fonte de inspiração, sabedoria e produção de conhecimento” (COPIXO, 2022, p. 19). A educação/escola que pela invasão portuguesa era colonizatória, genocida, etnocida e bancária (FREIRE, 1987) tornou-se a educação/escola identitária, que fortalece a Cultura Simbólica e Material (CCLF, 2006, p. 27) tendo uma forma própria de ensinar e de aprender, onde Xikão Xukuru (COPIXO, 2022) vai dizer que:

Existe uma educação de forma diferenciada, educação especificamente voltada na cultura daquele povo, ou seja do nosso povo, por que a gente sabe que é a partir das escolas que as crianças começam aprender os costumes tradicionais dos nossos velhos, por que a escola anterior que era a escola indicada na forma do MEC, ou seja no governo dos antepassados, é uma escola que tira todo o direito de costumes e preservação dos direitos dos índios, os índios perdiam a sua linguagem materna. Como hoje a maioria dos Xukuru não fala, quase ninguém fala a linguagem materna, apenas tem palavras soltas, que hoje está dando dificuldade para nós e isso foi perdido através das escolas. As escolas só ensinavam para as crianças que o Brasil tinha sido descoberto, mas nunca disse para ninguém que o Brasil foi invadido, mas nunca disse para ninguém que essa terra era dos povos indígenas. Então só a partir das escolas é que a gente tem que fazer o resgate cultural e as crianças no futuro tem que tomar conta e dar conta desse processo de caminhada que a gente está seguindo (Xikão Xukuru, 1998).

Tendo sido retomada, a educação passa a ser espaço de construção coletiva à luz do Bem-Viver, gerida de indígenas para indígenas, rompendo com a verticalização do conhecimento onde todos os saberes são conhecimentos horizontalizados e constituídos pelas vivências e práticas tradicionais, e que acompanham os avanços da sociedade não indígena, agregando potencialidades e preparando os guerreiros e as guerreiras para o Território Sagrado e para além das suas fronteiras demarcadas, como lemos:

Para nós Xukuru é um desafio pensar em tempo escolar após tanto tempo de imposição de lógicas e concepções alheias. A escola, como invasora e implementadora de modelos estranhos a nossa forma de pensar o mundo e também como um instrumento de subordinação, é retomada por nós e passa por um processo de mudança de significados e de valores para que possa cumprir sua finalidade de acordo com o nosso projeto de futuro e jeito de ser (PPP XUKURU, 2012, p. 30).

A partir daí, o PPP – Projeto Político Pedagógico – da Educação Indígena Xukuru do Ororubá, cujo título é “Plantando a Memória do Nosso Povo e Colhendo os Frutos da Nossa Luta”, já sinalizando o que será plantado e colhido vai dizer que “a escola Xukuru se coloca no contexto social, como um instrumento de fortalecimento da identidade étnica e cultural, formando guerreiros e guerreiras, conhecedores (as) dos seus direitos e deveres para contribuírem com o projeto de futuro do povo” (PPP XUKURU, 2012, p. 2). Ainda, tratando da formação dos guerreiros e das guerreiras na educação específica, diferenciada e intercultural continua:

Para nós Xukuru, formação é todo trabalho que realizamos juntos para repensarmos o futuro do nosso povo. A pesquisa é a base da nossa formação, ela acontece junto aos mais velhos, observando, escutando, participando. São espaços formativos para nós as reuniões, assembléias, conferências, encontros com outros povos, onde neles aprendemos juntos, trocando experiências, adquirindo conhecimentos e nos fortalecendo (PPP XUKURU, 2012, p. 30-31).

É a partir também desta educação/escola preocupada com a formação holística do guerreiro e da guerreira que a Tradição Oral se perpetua e se concretiza, tendo como princípio primeiro a Narração e a Escutatória: a Narração que parte dos costumes e tradições, independentemente da época, e que resulta das rodas de conversa em torno da fogueira em noite de Lua Cheia, onde *Toípes* e *Opipes* ensinam e aprendem em uma educação de (des)construção, que é decolonial; nesta mesma perspectiva de Narração, os papéis são invertidos, onde, a Escutatória como Arte de Ouvir ganha espaço multiplicador dos Saberes Ancestrais, e quem ouve sente, aprende, ruma em si, interpreta e ensina em aprendizagens múltiplas perpassando do passado à contemporaneidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber que a relação de Tempos é possível pela Mitologia Lendária e pela Tradição Oral, sendo repassadas de geração em geração, ganhando vida e se fortalecendo no cotidiano dos indígenas, e que estão impressas nos Seres através das Encantações de Histórias dos *Toypes* (Mais Velhos) sendo a Educação Indígena Xukuru do Ororubá um grande esteio para a perpetuação das memórias e das histórias a partir da Sabedoria Ancestral, como diz o Cacique Xikão Xukuru:

Existe uma educação de forma diferenciada, educação especificamente voltada na cultura daquele povo, ou seja do nosso povo, por que a gente sabe que é a partir das escolas que as crianças começam aprender os costumes tradicionais dos nossos velhos, por que a escola anterior que era a escola indicada na forma do MEC, ou seja no governo dos antepassados, é uma escola que tira todo o direito de costumes e preservação dos direitos dos índios, os índios perdiam a sua linguagem materna. Como hoje a maioria dos Xukuru não fala, quase ninguém fala a linguagem materna, apenas tem palavras soltas, que hoje está dando dificuldade para nós e isso foi perdido através das escolas. As escolas só ensinavam para as crianças que o Brasil tinha sido descoberto, mas nunca disse para ninguém que o Brasil foi invadido, mas nunca disse para ninguém que essa terra era dos povos indígenas. Então só a partir das escolas é que a gente tem que fazer o resgate cultural e as crianças no futuro tem que tomar conta e dar conta desse processo de caminhada que a gente está seguindo (**Xikão Xukuru, 1998**).

Sabe-se que as Encantações de Histórias dos *Toypes* propiciam a composição de dois cenários: o Cenário Mitológico e o Cenário Lendário, onde estes povoando o imaginário do povo Xukuru do Ororubá, criam enredos da palavra dita, da palavra contada, da palavra cantada e da palavra encantada, em diacronia, possibilitando uma imersão e uma transcendência embebidas pela poeticidade, cultivando afetos, memórias e fortalecendo as raízes tradicionais, onde as subjetividades e a interculturalidade são novas epistemologias em diálogo uma vez que a Tradição Oral se perpetua e se concretiza pelas “Encantações de Histórias” na formação do/a guerreiro/a como espaço-sujeito-território multiplicador dos Saberes Ancestrais, multiplicador de quem ouve sente, aprende, ruma em si, interpreta e ensina em aprendizagens múltiplas perpassando do passado à contemporaneidade.

É uma relação íntima entre sujeitos e a própria Natureza Sagrada, e que das crianças aos mais velhos da comunidade, as aprendizagens são significativas e despertam o vigor em conhecer-sentir, e o conhecer-sentir-vivenciar, tornando-nos como que passarinhos que espalham as sementes para além das fronteiras, fazendo germinar a vida e reflorestando as mentes, num exercício de co-criação e em pertencimento.

Átila Frazão vai dizer que:

Desde pequenos os *opipes* (crianças, na Língua Materna Xukuru do Ororubá) aprendem na comunidade e na escola a cuidar e cultivar a Mãe Terra por meio da agricultura, prática repassada de geração em geração e que diz muito sobre o Ser Xukuru do Ororubá entendendo-a não como processo exploratório, mas como pertença, desconstruindo a lógica do colonizador e configurando-se com a Força Encantada (**FRAZÃO, 2022, p. 11**).

É nesse princípio coletivo de aprender juntos que há a continuidade das histórias e a perpetuação da memória, tornando o povo Xukuru do Ororubá lembrado e vívido, sendo as escolas mais um espaço pedagógico onde as Encantações de Histórias estão presentes e ganham força, uma vez que, partindo da premissa de Xikão Xukuru, que “*é a partir das escolas que as crianças começam aprender os costumes tradicionais dos nossos mais velhos*”, escola esta que é instrumento de conscientização e fortalecimento identitário, aponta-nos o quanto o desvelamento<sup>5</sup> do pensar, rompendo com as amarras impostas pela colonização, e a construção do pensamento libertador é salutar na formação do/a guerreiro/a de forma holística e crítica, sendo os *Toypes* verdadeiros esteios desse processo onde, tendo sido formados pela Natureza Sagrada, nos ensinam diariamente, compondo a nossa identidade como lemos:

Além das nossas identidades individuais, possuímos uma identidade coletiva, construída e fortalecida no dia a dia da comunidade, através dos saberes tradicionais dos mais velhos, nos Espaços Sagrados, nos espaços pedagógicos, na luta pela retomada e garantia do nosso território. Ela está fundamentada no nosso Território Sagrado, na memória coletiva (história) dos nossos antepassados e na nossa espiritualidade, o que assegura a nossa auto identificação (COPIXO, 2022).

Essas identidade coletivas e individuais nos ajudam a entendermos a história vivida e sentida, e que pelos Mais Velhos e suas Encantações de Histórias, o povo conta e nós recontamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COPIXO, Conselho de Professores Indígenas Xukuru do Ororubá (Org.). **Povo Xukuru do Ororubá: Ancestralidade, Saber e Tradição**. Pesqueira, 2022.

FRAZÃO, Átila. **Histórias do povo Xukuru do Ororubá**. 1. ed. Pesqueira, PE: Ed. dos Autores, 2021.

FRAZÃO, Átila da Silva. **Cosmovisões Etnoastronômicas Xukuru do Ororubá**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Especialização em Ensino de Astronomia, Recife, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17<sup>a</sup>. ed. RJ: Paz e Terra, 1987.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995

INDÍGENAS XUKURU, Lideranças, Professoras e Professores. **Projeto Político Pedagógico das Escolas Xukuru: plantando a memória do nosso povo e colhendo os frutos da nossa luta**. Povo

---

<sup>5</sup> Rompimento das amarras, descortinamento, rasgar dos véus impostos.



Xukuru do Ororubá, 2012.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** – Rio de Janeiro: Mana, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural.** – São Paulo: Cosac Naify; N-1 edições, 2015.